

Se a oposição quisesse disputar

A crise do PT alcança as esquerdas e o que resta de oposição no País num momento em que o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso apresenta sinais de desgaste. O desgaste natural, produzido pelo exercício mesmo do poder, e aquele provocado pelo jeito de ser e de agir do presidente, que as pesquisas de opinião começam a detectar. No campo das esquerdas, é possível que da crise resulte uma evolução política, com a definição mais clara das posições, o que é saudável. O problema é que o jogo político tende a amesquinhar-se nas temporadas eleitorais, como a que estamos vivendo.

Da queda-de-braço entre o PT fluminense e a direção nacional, tanto pode resultar uma nova realidade política quanto um compromisso eleitoreiro, de curta duração. Entendam-se os petistas a esse respeito, mas o dado concreto é que as esquerdas perdem, no conflito interno, tempo precioso da campanha eleitoral. Correm, inclusive, o risco de não participar do jogo com uma candidatura competitiva, deixando ao presidente a possibilidade de alcançar a reeleição por ausência de adversários — uma vitória por WO, como prevê o International Board. Mesmo para quem pretende votar em Fernando Henrique, não é a melhor opção. O debate político seria rebaixado, arranhando a legitimidade do resultado eleitoral. Nem FHC deseja isso.

Por mais respeitáveis que sejam as razões de paulistas e cariocas no confronto interno da esquerda, é curioso que ele tenha eclodido num momento em que a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva estava deixando de ser uma miragem eleitoral para ganhar possibilidades mais concretas, apesar da alta rejeição em torno do candidato. O fenômeno ocorre menos por mérito de Lula — que não agregou novas qualidades às já conhecidas — mas pelos erros do presidente e da coligação governista, o des-

gaste mencionado acima. Um dos fatores, apontado em pesquisas e percebido nas ruas pelo homem comum, é a imagem de insensibilidade para os dramas sociais que o presidente transmite, seja essa percepção justa ou não.

FHC não esteve de corpo presente no incêndio de Roraima, como não deve estar no sertão esturricado do Nordeste em seca. Lula esteve no fogo e parte esta semana para o sertão. Foi e será novamente acusado de fazer demagogia. Fernando Henrique tem a aversão dos intelectuais à demagogia, embora a pratique no Canadá. Acredita, com boa dose de razão, que, nas tragédias, o importante é a presença do governo, não do presidente. Ruim mesmo é quando nem um nem outro comparecem, um flanco que a oposição poderia explorar se estivesse disputando elei-

ções contra o governo e não contra si mesma.

Se entrasse na campanha, a oposição estaria alardeando, agora, a carta que o senador Eduardo Suplicy enviou ao presidente da República cobrando a regulamentação do programa de renda mínima aprovado pelo Congresso e sancionado por FHC no dia 10 de dezembro do ano passado. O programa federal não é grande coisa se comparado à Bolsa Escola que o governador petista de Brasília

e uma dezena de prefeitos já fazem, pagando aos pais para manter os filhos na escola. É uma cópia imperfeita da idéia de Cristóvam Buarque e uma descaracterização da proposta de renda mínima do próprio Suplicy. Ao aprová-lo, a maioria do Congresso cuidou de apagar as impressões digitais do PT, pensando nos dividendos eleitorais. Para o miserável, no entanto, dinheiro no bolso e filho na escola são necessidades que não têm ideologia.

A Bolsa Escola federal e tucana não está sendo distribuída porque a área econômica não fez as contas para saber quem tem direito a ela. Se a esquerda quisesse, teria aí um bom e honesto mote de campanha.



Ricardo Amaral é jornalista

Crise do PT vem no momento em que candidatura de Lula deixava de ser miragem eleitoral